



A CONCORDÂNCIA NO ENSINO DE ARAGUAÍNA: ESCOLA, EDUCADOR E EDUCANDO

AGREEMENT IN TEACHING IN ARAGUAÍNA: SCHOOL, EDUCATOR AND EDUCATED

Edla Maria Goncalves de Alencar TRIGUEIRO¹
Secretaria da Mulher de Araguaína (SEMUL)
E-mail: edlatrigueiro54@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0000-9707-4193>

RESUMO

Este trabalho trata-se de pesquisa bibliográfica que tem por objetivo analisar a incorporação dos elementos escola, educador e educando a um conjunto educacional de qualidade em concordância no ensino de Araguaína. Bem como, descrever o papel da escola e do educador dos primórdios da educação brasileira a atualidade, baseados em estudos das tendências pedagógicas. Também debate e reflete sobre a preocupação da disciplina ou indisciplina dos alunos, o que a escola ou a figura do professor pode e deverá fazer, qual a sua contribuição para o desenvolvimento da afetividade do educando. Abordando a importância do afeto na relação educador com educando para sua aprendizagem, acredita-se que cabe ao docente desenvolver e estimular ao discente a valorização, o exercício dos bons sentimentos e valores, que certamente começa com sua família, mais continuar na escola e pode ser aplicada na sociedade como um todo.

Palavra-chave: Escola. Educador. Educando. Tendências. Afetividade.

ABSTRACT

This paper is a bibliographic research that aims to analyze the incorporation of the elements school, educator and educating to a quality educational set in agreement in the teaching of Araguaína. As well as describe the role of the school and the educator of the early days of Brazilian education today, based on studies of pedagogical trends.

¹ Edla Maria Goncalves de Alencar Trigueiro- Pedagoga, especialista em Pedagogia Escolar, Pós-graduada em Administração, Coordenação e Direção Escolar pela IBPEX. Pós-graduada em Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS: Educação para surdos- UNOPAR. Pós-graduada em Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS: Educação para Surdos- AVILA. Especialista em Educação em Universidade de la Empresa- UDE- Montevideú- Uruguai. Psicopedagoga- UNOPAR.

It also debates and reflects on the concern of the discipline or indiscipline of students, what the school or the figure of the teacher can and should do, and their contribution to the development of the student's affection. Addressing the importance of affection in the educator-student relationship for their learning, it is believed that it is up to the teacher to develop and encourage the student to value, the exercise of good feelings and values, which certainly begins with his family, but continue in school and can be applied to society as a whole.

Keywords: School. Educator. Student. Tendencies. Affection.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem é contínua, isto é, ao longo da existência, estamos sempre aprendendo algo, e parte do aprendizado se dá na escola. Falar de escola, não é uma tarefa fácil, isso implica em uma relação diária, que deveria ofertar um ambiente acolhedor, uma extensão do próprio lar, onde recebemos orientação sistemática e organizada.

Os objetivos da educação é: transmitir cultura adaptar os indivíduos à sociedade e desenvolver suas potencialidades objetivando a melhoria da qualidade de vida na população. À escola coube o papel de “corrigir” a ignorância, desenvolver a inteligência, as habilidades e as competências dos indivíduos.

Sabe-se que até poucos anos, não havia nenhuma reciprocidade entre educador e educando, a figura do professor era autoridade máxima e, além disso, somente ele sabia tudo, por sua vez os educandos nada sabiam, era um mero expectador, um armazenador de conteúdos, acredita que este quadro mudou embora ainda exista profissionais da educação com este perfil.

Este trabalho propõe um debate reflexivo sobre uma possível concordância no ensino e o papel da escola e do educador desde os primórdios da educação brasileira e qual a importância do afeto entre os envolvidos para que ocorra a aprendizagem.

A Escola

A escola é uma instituição social distinta da sociedade na qual está inserida. Nesse sentido, em maior ou menor escala, ela pode produzir novos valores e reproduzir

os mesmos valores já existentes e contra valores desta mesma sociedade. Não é possível então, falar da escola sem falar do mundo e vice-versa.

Nesse contexto, a escola tem dificuldades de acompanhar o mundo. Pode-se ter a sensação que, exceto a escola, tudo mudou. Percebe-se que a escola está em descompasso com o tempo. No passado a sociedade quase não mudava e a escola resistia às mudanças. Alguns professores ainda defendem a prática “do giz e quadro negro”. Ainda hoje acreditam que o melhor modelo de escola seja o modelo tradicional.

Não existe mais o mundo de aldeias e quermesses, no qual a escola surgiu e se desenvolveu; desde a antiguidade tivemos práticas de ensino que destoavam muito da prática da escola tradicional. Muitos conhecem a beleza do método socrático. Nesse método o mestre era apenas um facilitador, que ajudava o discípulo a trazer à tona as conclusões mais verdadeiras sobre as questões da época. O discípulo não era visto como uma lata vazia esperando o precioso conteúdo vindo do outro. É singular como a escola tradicional esqueceu práticas pedagógicas assim. Além disso, a pedagogia socrática acontecia nas praças e ruas. Ela não ignorava a realidade. Estima-se que no futuro, e esse futuro já é realidade, a escola possa até mesmo prescindir de seus espaços físicos e desenvolver suas atividades à distância. Isso também já está contemplado na Lei de Diretrizes e Base a partir do artigo 80, das disposições gerais.

Hoje vivemos numa grande rede planetária, na qual a escola já não é mais a principal mediadora da cultura e do conhecimento. Neste planeta, a escola precisa urgentemente reconquistar seu lugar, talvez se conduzindo numa Nova Escola de Sagres. E quem sabe, nossos alunos possam aprender os instrumentos para selecionar as rotas, realizar incríveis viagens, descobrindo novos mundos por este novo universo do conhecimento, subitamente feito redondo pelas tecnologias de comunicação. Mas nada disso acontecerá, nenhum novo descobrimento acontecerá se ficarmos com medo da aventura. É preciso aventurar-se para descobrir.

Ao longo do tempo os conteúdos e métodos escolares ocuparam um lugar de destaque nas escolas brasileiras. Podemos relembrar as diversas tendências pedagógicas pelas quais nossas escolas já passaram e perceber os distintos papéis a ela atribuída.

Em análise das tendências pedagógicas, em nosso país a que se perpetuou foi tradicional, parafraseando Saviani (1999, p. 24) na pedagogia tradicional, “[...] o professor era elemento decisivo e decisório”, cabia o professor ter iniciativa e ser o

sujeito do processo, isto é, o professor era a autoridade que exigia atitude receptiva do aluno. Já na pedagogia nova a iniciativa passa ser o aluno, nesta tendência começa os primeiros passos para a relação professor e aluno, pois professores e alunos decidiam em conjunto quais os meios, quando e como utilizariam, com isso, papel da escola era basicamente a preparação intelectual e moral dos alunos para assumir seu papel na sociedade, na Pedagogia Nova a escola deve adequar as necessidades individuais ao meio social e seus conteúdos são estabelecidos a partir das experiências vividas pelos alunos frente às situações problemas.

Porém, na pedagogia tecnicista, na Tendência Tecnicista o papel da escola é modelador do comportamento humano através de técnicas específicas, esta pedagogia ainda pode-se encontrar com poucas mudanças, tendo o elemento central será a organização da instituição dos conteúdos, deixando para o segundo plano, o professor e o aluno, ou seja, a relação é objetiva onde o professor transmite informações e o aluno vai fixá-las.

Sabe-se também que houve as tendências Libertadora e Libertária, na pedagogia libertadora, visava levar professores e alunos a atingir um nível de consciência da realidade em que vivem na busca da transformação social, e a mesma não atua em escolas convencionais, já a Libertária levava a transformação da personalidade num sentido libertário e auto gestor.

Atualmente encontra-se a tendência crítica social dos conteúdos ou “histórico crítica”, a escola difunde os conteúdos, percebe-se que ainda não está bem propagada. Nesta o professor é mediador entre o saber e aluno, pois o educando assume o papel de participante, tendo a aprendizagem baseada nas estruturas cognitivas já estruturadas nos alunos.

Mesmo com todas as críticas que hoje podemos fazer à tendência da pedagogia tradicional, compreende-se que ela não deixou de dar a sua contribuição. Entender que muitos cresceram e se tornaram verdadeiros profissionais graças a ela. É importante para quem educa é necessário estar “ligado” no que acontece no mundo da TV, do cinema, da arte e da multimídia em geral, além de conhecer muito bem os objetivos de seu trabalho e, sobretudo, o universo cultural e linguístico de seus alunos. São essas conexões que, processadas pela pesquisa e pela discussão pedagógica, irão elaborar critérios e orientações para as novas formas de educar com diversos meios educacionais.

Falar do papel da escola parece uma tarefa fácil, mas não é. Pode-se dizer que a escola que temos está em crise é uma afirmação ouvida, atualmente, com tal frequência que ninguém ousa sequer duvidar dela, pois há várias estatísticas publicadas, que abordam diversas justificativas.

Fala-se de crise porque a escola não responde convenientemente às exigências de uma sociedade, cujo funcionamento depende, crescentemente, do estímulo a excelência, eficiência, eficácia e competitividade e da tecnologia. E muitas escolas e professores não trabalham do modo que se esperam, os alunos desistem, não aprendem e reprovam ou não se aprovam como estudantes.

Não se pode negar que é na escola que muitas vezes se aprende/adquire comportamentos do tipo morais, éticos, virtudes, valores e regras, mas também são passados outros termos como: contraordens, comportamento padrão, falta de obediência, resistências, punição – suspensão, expulsão – e outros. Em todas escolas há um acervo de histórias de autoritarismo – educadores – e indisciplina – educandos. Nelas não faltam discursos originados de contextos escolares em que “não importa o que tenha acontecido, o aluno é sempre o culpado”.

O aluno está sujeito a todo tipo de comparação e contra ele paira sempre a pecha de indisciplinado, rebelde, alienado, fruto da natural inquietude juvenil. Em verdade, o aluno, mesmo que seja um sujeito ativo do processo de aprendizagem, precisa de orientação, precisa de líderes que possam conduzi-lo a caminhos razoáveis de desenvolvimento pessoal. Para isso a autonomia tem de ser respeitada, a experiência que cada aluno traz de seu universo pode ser um laboratório espetacular para o professor. As histórias de vida servem como sinalizadores do potencial que o aluno possui (Chalita, 2001, p. 139).

Neste contexto, quando se refere à disciplina ou indisciplina escolar, nem sempre se questiona o porquê do comportamento, por que o educando teve ou está com este comportamento? Por que o educando deve sempre seguir as regras do ambiente escolar?

Segundo Cury, (2003, p.95), “A punição só útil quando é inteligente”, neste sentido reflete-se que, muitas vezes aquele aluno, aparentemente problemático na escola, os agressivos, os rebeldes, em fim, os indisciplinados, e até mesmos que não fazem nada em sala de aula, nem sempre os professores, não se preocupam em saber os motivos destes alunos serem e agirem assim, simplesmente punem, este pecado da

educação vem sendo transmitido há séculos, desde a Pedagogia Tradicional. Embora, muitos profissionais da educação, sabem que atualmente a melhor punição é aquela negociada, e que, antes de dar limites devemos explicar, pois é de nossa inteira responsabilidade, a formação e o desenvolvimento de certas características e valores como: personalidade, liderança, tolerância, ponderação, segurança, amizade, trabalho e responsabilidade, solidariedade, humildade, idealismo e etc.

A Afetividade – entre o Educador e Educando

A afetividade é o território dos sentimentos, das paixões, das emoções por onde transitam medo, sofrimento, interesse, alegria (2005).

Seguindo a este pensamento, pode-se questionar: até que ponto a relação afetiva entre o educador e educando, favorece ou prejudica o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem? Podemos procurar entender melhor o significado da afetividade, que chegaremos ao termo afeto. Termo que vem do latim affectus e se refere a afetar, dizer respeito, comover sensibilizar, abalar. Com isso pode-se dizer que a afetividade é uma relação educativa que pressupõe o conhecimento de sentimentos próprios e alheios que possibilita uma disponibilidade corporal por parte do educador, assim como o conhecimento, se constrói através da vivência. Sendo também da escola e do educador.

Há alguns educadores ainda lhes faltam o exercício de amor, carinho, atenção, justiça e outros popularmente chamado nos dias atuais de acolhimento. Porém muitos educadores estão começando a preocupar-se e promover esse exercício, é um desafio, mais aos poucos serão superados.

O educador está preocupando com a vida do educando, ver os motivos que o aluno é ou está sendo “rebelde”, quais as causas e propondo soluções para este. Pois a agressividade aparece como uma procura e uma defesa da identidade. É preciso saber reconhecê-los como indivíduos autônomos, com uma experiência de vida diferente da sua, com direitos a ter preferências e desejos nem sempre iguais aos seus.

Ainda há uma certa resistência de professores que assume uma postura autoritária e acredita que distanciamento hierárquico é sinônimo de respeito, não são raros dentro uma escola. Esse profissional, geralmente intimida os educandos a prestarem atenção, e dão suas aulas sem se importar que haja alunos que não estão

acompanhando o seu raciocínio. Sua atenção está voltada apenas para poucos alunos, ou seja, para aqueles que sentados nas primeiras carteiras.

Quando algum dos supostamente desinteressados faz alguma pergunta, ou é ignorado ou recebe como resposta: “Se você estivesse prestando atenção, teria entendido”. Convém salientar que essas “disputas” entre professor e alunos não trazem nenhum resultado prático, pois um aluno que é retirado da sala de aula por comportamento inadequado e encaminhado à coordenação ou a biblioteca para realizar pesquisa sobre determinado tema da aula não se desenvolvendo em sua plenitude.

Para Cury, “[...] por trás de cada aluno arredoio, de cada jovem agressivo, há uma criança que precisa de afeto” (2003, p. 97), depende exclusivamente do educador a aproximação, isto é, o professor deve conquistá-lo, para que haja um relacionamento, procurar entender-lhe quais os motivos de tanta rebeldia. Sabe-se que a maioria dos professores deseja alunos dóceis, amigáveis e amáveis, passivos, mais outro lado seria muito fácil e até frustrante, pois estes, não levariam a nos refletir e questionar sobre a nossa prática. Este sem dúvida um dos maiores pecados capital dos educadores.

Por isso, devemos aceitá-los com seus defeitos e respeitá-los. E entender seus sentimentos, tendo sensibilidade para perceber que atrás de um aluno agressivo se esconde, muitas vezes uma criança carente que se inferior às outras, desvalorizada, mal-amada por seus familiares, parafraseando Cury, não existe jovens problemáticos, e sim jovem que está com problemas, e em vez de criticar, o melhor remédio é elogiá-lo. Com base nesta reflexão podemos citar Chalita, que diz:

O aluno, como todo ser humano, precisa de afeto para se sentir valorizado. Se sentir valorizado. Se houver aluno intransigente, teimoso, emocionalmente abalado, ninguém se surpreenderá. Já o professor não pode se apresentar emocionalmente abalado diante dos alunos. O professor é a referência, é o modelo, é um exemplo a ser seguido e, exatamente por causa disso, o pouco que fizer afetuosamente, uma palavra, um gesto, será muito para o aluno com problemas (Chalita, 2001, p. 155).

Sabe-se que a forma com que a criança se sente em relação a si é de fundamental importância para o fortalecimento autoestima, que significa o grau de valorização pessoal. Isso refletirá em todos os momentos de forma positiva em sua vida. Depois de algum tempo, a autoestima é certamente determinante em grande medida pelas próprias traduções das mensagens que recebe acerca dela, não apenas de seus pais,

mais de todos os que convivem, seja outros membros da família e até mesmos dos professores “ou tias”.

Cabe ao educador desenvolver e estimular ao educando a valorização do exercício dos bons sentimentos, certamente começa com sua família, mais continuará na escola. Por isso, devemos refletir quando diz Chalita “[...] nenhum aluno é mau, assim como nenhuma ser humano é mau” (2001, p. 156), é essencial que o professor, repare mais em seus alunos, procure antes de rotular, de inconsequente, delinquente e outros adjetivos pejorativos.

Podemos observar nos do curso de graduação – Pedagogia – que as professoras da primeira fase do ensino fundamental (pré-escola, primeira, segunda, terceira e quarta série), que não se preocuparam em saber por que o aluno se comporta de maneira diferente, ou seja, não seguiam as regras da escola, simplesmente os rotulados “alunos problemas” facilmente hoje apontados com problemas mental, ou cognitivo (Pré diagnostico do profissionais atuantes em sala de aula– sejam eles com dificuldades de aprendizagem, sejam os comportamentos – elas por sua vez, quando não ignoravam os alunos, algumas tratavam com agressividade, e outras simplesmente passam o problema para frente. Cremos que a dificuldade em atingir essas crianças com problemas está no fato de sentirmos medo delas e elas o têm de nós. Pois não devemos importar com o tamanho dos nossos obstáculos, mas sim o tamanho da motivação para superá-los.

Concordamos com Morales, quando diz, “[...] nós professores, temos muito poderes, talvez mais do que imaginamos” (2000, p. 150) e acreditamos, que o educador necessita de ter paciência sem perder o medo da sua autoridade, e educar com compromisso e amor. Para que no futuro próximo possa ser visto não apenas como um professorzinho(a) ou tia, mesmo porque, segundo a tese de “tia” para FREIRE, seria uma armadilha de adocicar a vida do professor, ‘pois o professor deve lutar pelo direito de ser nós mesmos, de optar, de decidir, de desocultar verdades” (2005, p. 25).

Para eles, as tias podem não gostar dos sobrinhos e nem de ser tias, já ser professora deve amar, tanto a profissão como de seus alunos porque o educador deve encontrar espaço para humanizar o conhecimento, humanizar sua história e estimular a arte da dúvida.

Quando o educador tiver consciência de suas responsabilidades de despertar a curiosidade de seus educandos e de suas vidas para saber os motivos comportamentais

“anormais”, então passar a incentivá-lo, a estudar, até tornar-se um vencedor, e principalmente um grande amigo e professor um grande profissional.

Sabe-se da importância da existência de afetividade, da confiança, empatia e respeito entre educador e educando para que melhor se desenvolva a leitura, a escrita, a aprendizagem e a pesquisa autônoma; por sua vez, os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor. Acredita-se que a afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência e é essencial para que um professor seja considerado eficiente.

Parafraseando Cury, Chalita, Tiba, e entre outros grandes educadores brasileiros, “educador tem de ser um provocador de sonhos”, “é ser promotor de autoestima”. Os educadores antes de tudo devem ser amantes da profissão, pois, serão comprometidos com a produção do conhecimento em sala de aula, que desenvolvem com seus alunos um vínculo de amizade e respeito mútuo pelo saber. Sejam professores que não medem esforços para levar os seus alunos à ação, à reflexão crítica, a curiosidade, ao questionamento e à descoberta disso sim, são essenciais. Pois, os educadores que, ao respeitar o aluno suas experiências adquiridas ao longo de vida (conhecimento já assimilados), idade e desenvolvimento mental, são imprescindíveis, para o sucesso.

Entendemos, enquanto educador deve estar atento quanto a nossas atitudes, pois, não raras vezes, o motivo de tal reação é a falta de autoridade e proteção excessivas, ocultas em atitudes inconscientes, tais como: anotar os deveres nas agendas dos alunos, em lugar de deixar que eles o façam; fornecer as respostas dos exercícios, quando eles não conseguem obtê-las, ao invés de deixá-los descobrir o erro; centralizar a resolução de todos os problemas em nós mesmos, dando mais atenção à criança que é mais mimada, ou disciplinada, ou está doente; e nos utilizamos chantagem emocional para obter a disciplina na sala de aula – os alunos geralmente obedecem, não por conscientização de tal necessidade, mas porque temem “perder” a amizade do professor. Agindo assim permitindo que os alunos adquiram autonomia em seus atos e, portanto, tornamo-los excessivamente dependentes.

Cabe-nos, portanto, como educadores, repensar sobre a nossa atuação, rever criticamente a nossa forma de ensinar, refletir sobre nossos preconceitos e sermos capazes de, sem negamos que uma mudança social se faz necessária, tentarmos

introduzir atividades práticas que possam fazer alguma diferença dentro da sala de aula e possam atenuar e aliviar o sentimento de fracasso de nossos alunos.

Segundo Cunha (2004, p.39), “O conhecimento do professor é construído no seu próprio cotidiano, mas ele não é só fruto da vida na escola”. Com esta reflexão, compreende que o professor é um ser contextualizado. Sua prática e seus saberes são o resultado da apropriação que ele faz prática e dos saberes históricos sociais. Não é possível fazer uma análise do seu desempenho e das relações que ele desencadeia sem perceber seu contexto mais amplo.

Entretanto a relação professor e aluno e afetividade entre ambos há várias pesquisas realizadas, e muitas destas o educando fazem relações de um professor bom ou não, dependendo de seu conhecimento da matéria ou habilidades de organizar suas aulas. A autora acima citada nos coloca que quando os alunos verbalizam o porquê da escolha do professor, eles enfatizam os aspectos.

Entre as expressões usadas estão “é amigo”, “é compreensivo”, “é gente como a gente”, “se preocupa conosco”, “é disponível mesmo fora da sala de aula”, “coloca-se na posição do aluno”, “é honesto nas observações”, “é justo”, etc. Estas expressões caracterizam a ideia de bom professor. Ao final faz uma síntese de suas reflexões sobre a relação professor e aluno poderia apontar os tópicos abaixo:

É muito difícil definir os limites do conceito “relação entre educador e educando”. Eles se intrincam na prática do processo pedagógico com o conteúdo de ensino e com a metodologia adotada; a aula é um lugar de interação entre pessoas e, portanto, um momento único de troca de influências. A relação entre educador e educando no sistema formal é parte da educação e insubstituível na sua natureza; o aluno espera ser reconhecido como pessoa e valoriza no professor as qualidades que os ligam afetividade.

O compromisso político do professor não é, atualmente, um aspecto explícito na sua ação. Não faz parte da expectativa dos alunos e nem sempre é consciente no professor. Se não há prática pedagógica neutra, é preciso caminhar mais na direção do desenvolvimento desta prática pedagógica; do professor se espera um papel que lhe é próprio. Isto não significa o desconhecimento ou desprezo pelas condições do aluno, mas sim que ambos têm papéis, e que o professor tem mais poder para definir a relação entre os papéis.

Os comportamentos do educador e dos educandos fazem parte de uma expectativa baseada na ideologia definida pela sociedade. Os valores (amizade, idealismo, amor, esperança e outros) se passam nem sempre de forma clara e determina. Mas sempre de forma eficiente, as condições de classe dos alunos determinam um rol de expectativas sobre o seu desempenho. E, em muitos casos, a escola serve apenas para retificar estas expectativas, para convencê-los a aceitar a sua situação na sociedade.

O ambiente institucional às vezes interfere no desempenho e nas relações professor e aluno. Quando a escola valoriza o professor como profissional e lhe permite melhorar seu desempenho, coloca em ação um mecanismo de ruptura do círculo vicioso que apresenta como intransponíveis as dificuldades inerentes ao seu papel e às condições de ensino de modo geral. Assim, também, a história da instituição interfere nos valores das práticas que são incorporadas nas relações escolares.

Sabe-se que, o prazer pelo aprender não é uma atividade que nasce espontaneamente nos alunos, pois, muitas vezes, não é uma tarefa que cumprem com prazer. Para que este hábito possa ser melhor cultivado, é necessário que o professor consiga despertar a curiosidade dos alunos e acompanhar suas ações na solução das tarefas que ele propuser. O não acompanhamento poderá fazer os alunos sentirem inseguros na realização da atividade proposta, por julgarem-se cobrados a um desempenho para o qual não foram preparados; e, o fornecer as respostas prontas, não permitindo que o aluno problematize e descubra a resposta correta, acomoda-o e prejudica sua autonomia.

Recuperar no professor a qualidade da relação com aluno é fundamental. É provável que a produção do conhecimento com o professor, sobre sua própria condição e realidade, nos auxilie a esclarecer os rumos da definição de uma nova ordem pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que, falar do papel da escola e do educador parece uma tarefa tão fácil, após uma reflexão da verdadeira função da escola e da educação formal de modo geral, reafirmamos que a educação brasileira está em crise, embora, muito já tenha sido feito. Acreditamos ainda que, um dos caminhos para tal resolução está ligado diretamente na efetividade entre educador e educando.

Pois, a relação professor aluno no âmbito escolar, que tentamos colocar são de supra importância no processo pedagógico. Ideias como as de honestidade, coragem, compromisso, responsabilidade e tantos outros valores importantes na educação se passam no cotidiano da instituição escolar. E quanto mais o professor é próximo do aluno, mais influência ele tem em seu comportamento positivo durante o processo de ensino aprendizagem.

Esforços, por parte de educadores, devem também ser direcionada no sentido de uma reflexão crítica sobre a maneira preconceituosa e estereotipada, a que alunos brasileiros com rendimento escolar insatisfatório vêm sendo alvos, para que se possa transformar o discurso do aluno “culpado pelo seu próprio fracasso escolar” numa atitude de confiança e credibilidade na capacidade do mesmo para “aprender a aprender” e se tornar um aprendiz motivado e autorregulado.

Essa relação estabelecida entre professores e alunos constitui no que cerne do processo pedagógico. É impossível desvincular a realidade escolar da realidade de mundo vivenciada pelos discentes, uma vez que essa relação é “de mão dupla”, pois ambos (professores e alunos) podem ensinar e aprender através de suas experiências e a gestão apoiar em todo o processo ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, CELSO. **A linguagem do afeto** – Como ensinar virtudes e transmitir valores. São Paulo: Papirus 2005.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

CUNHA, Maria Isabel. **O bom professor e sua prática**. 16ª ed., São Paulo: Papirus 2004.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes** – Professores fascinantes. 7ª ed., Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FERNANDEZ, Consuelo T. **Repensando a Relação Educador/ Educando**. 2ª ed., SENAI, Formação de formadores, Brasília, 2000.

FREIRE, Paulo. **Professor Sim, tia não cartas a quem ousa ensinar**. 15ª ed., Loyola. Fevereiro/2005.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno** – o que é como se faz. 2ª ed., Loyola,, São Paulo. 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia** – Polêmicas no nosso tempo. 32ª ed., Autores Associados, 1999.

TIBA, Içami. **Ensinar Aprendendo** – como superar os desafios do relacionamento professor em tempos de globalização. 16ª ed., Gente, 1998.